



LUTO: A RELAÇÃO ENTRE A SAÚDE MENTAL DO MÉDICO VETERINÁRIO E O PREPARO E ACEITAÇÃO DA PERDA DO PACIENTE

Nathalie Mary Caroline Domingos^{1*}, Ana Clara Cordeiro de Paula², Luís Felipe Silva Mesquita², Júlia Rimulo Freitas³ e Lucas Milagres Nogueira⁴.

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato: nathalliemary1@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho/MG – Brasil

³Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora/MG – Brasil

⁴Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a relação entre seres humanos e animais de companhia evoluiu significativamente, com muitos tutores passando a considerar esses animais como membros da família. Esse laço emocional profundo pode, em diversos casos, superar as conexões que estabelecem com outros seres humanos. Como consequência, a perda de um animal de estimação frequentemente gera um processo de luto intenso, agravado pela falta de reconhecimento social desse sofrimento⁵. Esse tipo de luto, denominado luto não reconhecido, pode ser particularmente desafiador para os tutores, que encontram pouca empatia e apoio³.

Dentro desse contexto, os médicos veterinários desempenham o papel de fonte de apoio. Além de serem responsáveis pelo cuidado e bem-estar dos animais, eles frequentemente se encontram na posição de consolar tutores enlutados, especialmente em situações de eutanásia. A responsabilidade de gerenciar o sofrimento emocional das pessoas, associada à própria perda de um paciente, impõe uma carga emocional considerável sobre esses profissionais². Estudos indicam que o luto dos tutores pode ser intensificado pela relação que desenvolvem com o veterinário, que se torna uma fonte de apoio importante durante o processo de perda^{1,2,6,7,9}. Entretanto, apesar da importância desse papel, a maioria dos veterinários não recebe treinamento formal para lidar com o luto e as complexidades emocionais que envolvem a morte de seu paciente⁵.

Além disso, a profissão de médico veterinário é reconhecida como uma das mais suscetíveis ao estresse ocupacional. Fatores como longas jornadas de trabalho, interações desafiadoras com clientes, restrições financeiras e a constante exposição à morte e à eutanásia contribuem para o aumento da ansiedade, do esgotamento emocional e de distúrbios psicológicos entre esses profissionais. Um aspecto particularmente preocupante é o elevado risco de suicídio entre veterinários, que, em algumas regiões, pode ser até quatro vezes maior do que o da população geral⁹. Apesar desse cenário alarmante, muitos veterinários relutam em buscar ajuda devido ao estigma em torno da saúde mental e características pessoais, como o perfeccionismo¹².

A fadiga por compaixão que é o esgotamento crônico atribuível ao excesso de sentimentos de compaixão, por testemunhar o sofrimento de outrem, é um aspecto relevante do estresse ocupacional na medicina veterinária⁵. Embora o interesse acadêmico sobre o bem-estar dos futuros médicos veterinários tenha crescido, ainda há poucas pesquisas focadas no trabalho emocional que envolve lidar com a perda de pacientes e com o luto de seus tutores. O objetivo desse estudo busca analisar o impacto emocional e psicológico enfrentado por médicos veterinários ao lidar com o luto de tutores e a perda de pacientes. Além disso, pretende-se compreender a relação entre o estresse ocupacional e o risco elevado de distúrbios psicológicos e suicídio na profissão, propondo a conscientização de se promover a saúde mental e o bem-estar desses profissionais.

METODOLOGIA

A metodologia foi realizada de forma qualitativa e consistiu em reunir e analisar a literatura existente sobre o luto e sua relação com a saúde mental dos médicos veterinários, bem como o preparo e a aceitação da perda de seus pacientes. A busca por artigos científicos foi realizada em bases de dados eletrônicas, como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Scopus, PubMed Central (PMC) e periódicos científicos indexados. Foram incluídos estudos publicados abordassem a saúde mental de veterinários no contexto do luto e manejo emocional diante da perda de pacientes. Artigos com mais de 15 anos de publicação ou que não se enquadrassem diretamente no tema principal foram excluídos da análise.

RESUMO DE TEMA

Atualmente, com 536 faculdades de medicina veterinária em funcionamento no Brasil, têm-se levantado preocupações quanto à qualidade do ensino, especialmente em relação à formação de profissionais capacitados para lidar com situações complexas e individualizadas⁵. Mesmo com a padronização curricular, persiste uma lacuna significativa na preparação dos futuros médicos veterinários para enfrentar aspectos emocionais e sociais da prática profissional, especialmente no enfrentamento do luto e no manejo emocional dos tutores de animais⁴.

A inserção de disciplinas voltadas para a humanização da profissão ainda é limitada, com a sociologia sendo a única matéria presente nos currículos para atender a essas diretrizes^{5,6,9}. Essa abordagem superficial dificulta a formação de veterinários preparados para lidar com a morte de seus pacientes e prestar suporte emocional aos donos enlutados. A ausência de treinamento formal em manejo de luto e comunicação empática reflete um despreparo no enfrentamento de um dos aspectos mais sensíveis da prática veterinária⁴. Assim, torna-se essencial repensar a estrutura curricular para incluir disciplinas e atividades que promovam a humanização e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, essenciais para uma prática veterinária mais completa e empática.

Não há, nos cursos de medicina veterinária, uma disciplina dedicada a ensinar os alunos a lidar com situações de apoio e consolo a familiares em momentos de perda. Esse cenário é agravado pela falta de preparo para que o estudante desenvolva estratégias de autocuidado e equilíbrio emocional ao enfrentar situações de forte impacto psicológico⁴. Quando submetido a uma carga emocional elevada, muitos veterinários acabam enfrentando o desafio sozinhos, sem suporte adequado. Uma das respostas mais comuns é adotar uma postura ocultando emoções e assumindo uma atitude de distanciamento e frieza, que é interpretada como um sinal de força e controle, mas que pode levar ao desgaste emocional e à fadiga por compaixão⁸.

Desta forma, questões como inteligência emocional, autoconhecimento e manejo das emoções são frequentemente negligenciadas no cotidiano dos profissionais de veterinária. Reconhecer fragilidades emocionais ou demonstrar vulnerabilidade ainda é visto por muitos como sinal de fraqueza, o que agrava o estresse e a ansiedade⁶. A profissão envolve múltiplas demandas, e muitos se sentem sobrecarregados, o que contribui para a síndrome de burnout, definida como uma síndrome patológica resultante do estresse ocupacional prolongado. Fatores como carga intensa de estudos, longas jornadas, plantões exaustivos, baixos salários e dificuldades de relacionamento são preditores dessa condição⁷. Além disso, a dor dos animais e de seus tutores, a prática da eutanásia, grande causadora de conflitos éticos e morais nos profissionais, e o medo de errar, agravam a situação¹. Para recém-formados, esses desafios são ainda maiores, já que enfrentam longas jornadas de trabalho, menor autonomia e pressão por desempenho, com pouca experiência para lidar com tantas demandas⁸.

O crescimento do mercado veterinário, aliado à crescente antropomorfização dos animais, aumenta a exigência por profissionais altamente qualificados⁹. Isso eleva o nível de cobrança e responsabilidade, já que os tutores valorizam veterinários comprometidos com o bem-estar animal, que ofereçam recursos de alta qualidade e demonstrem empatia². Apesar dessas demandas, a profissão não recebe o devido reconhecimento na sociedade como parte essencial da saúde pública. A percepção de que o veterinário deve trabalhar "por amor", somada à baixa remuneração, torna a área propensa a distúrbios relacionados ao estresse, como ansiedade e esgotamento emocional. Essa exaustão psicológica não é exclusiva do setor de pequenos animais, mas afeta diversas áreas da medicina veterinária^{7,9}.

Em função do extremo sofrimento associado a essas condições, a saúde mental do médico veterinário pode ser prejudicada, tendo como consequência o aumento do risco de comportamentos suicidas entre os



XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

profissionais. Segundo um estudo publicado pelo *Centers for Disease Control and Prevention* em 2019, a taxa de suicídio entre médicos veterinários é 3,5 vezes superior à da população geral. A pesquisa, divulgada pela *Journal of the American Veterinary Medical Association*, analisou dados de 11.620 veterinários ao longo de três décadas. Os resultados mostram que 66% dos profissionais relataram ter enfrentado depressão clínica e 24% afirmaram ter pensado em suicídio desde o início de sua formação acadêmica^{13,14}.

Estudos indicam ainda que veterinários apresentam índices mais elevados de depressão, estresse e burnout em comparação com a população em geral e identificaram que, entre 26 diferentes profissões analisadas, os veterinários ocupam a quinta posição em relação ao pior bem-estar psicológico, sendo frequente a ocorrência de problemas de saúde mental nessa categoria¹¹.

No Brasil, a situação da saúde mental entre veterinários também é preocupante. De acordo com informações do Sistema Único de Saúde (SUS), essa é a categoria profissional com maior risco de suicídio no país. Dados do Datasus, coletados entre 1980 e 2007, revelam que os veterinários têm uma probabilidade 10,6 vezes maior de cometer suicídio em comparação com profissionais de outras áreas¹². Esses números preocupantes evidenciam um cenário de desamparo, em que a saúde mental e o bem-estar emocional desses profissionais não recebem a devida atenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre seres humanos e animais tornou-se tão profunda que, muitas vezes, os pets são considerados membros da família. Diante disso, surge a necessidade de um preparo específico para os veterinários, que vai além do conhecimento técnico, enfatizando a importância de capacitação emocional para esses profissionais, reforçando a necessidade de treinamento em comunicação e empatia para lidar com tutores em luto, apontando que, nesse contexto, a dor emocional é a mesma, independentemente de se tratar de uma perda humana ou animal.

Apesar desse cenário, ainda faltam disciplinas específicas no currículo de veterinária que preparem os alunos para situações de consolo e acolhimento de famílias enlutadas. Além disso, os estudantes não são orientados sobre como manter o equilíbrio emocional ao enfrentar essas situações. Com frequência, a resposta dos profissionais é tentar se "proteger" emocionalmente, adotando uma postura fria e distante, acreditando que isso demonstra força. No entanto, isso pode levar a um distanciamento emocional prejudicial.

Uma alternativa seria a inclusão de disciplinas focadas em psicologia, desenvolvimento de resiliência emocional e técnicas de escuta empática, para que os futuros veterinários aprendam a lidar com a carga emocional que encontram no dia a dia, sem reprimir seus sentimentos. Isso também ajudaria a desenvolver a habilidade de oferecer apoio de maneira genuína, como um abraço no momento apropriado, sem internalizar o sofrimento dos outros. Conclui-se que é fundamental promover campanhas de conscientização que enfatizem a importância do acompanhamento psicológico para a saúde mental dos médicos veterinários, uma vez que esses profissionais tendem a priorizar o cuidado com os outros em detrimento de si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUSSOLARI, Cori J. et al. **The euthanasia decision-making process: A qualitative exploration of bereaved companion animal owners.** *Bereavement Care*, v. 37, n. 3, p. 101-108, 2018.
2. DOW, M. Q. et al. **Impact of dealing with bereaved clients on the psychological wellbeing of veterinarians.** *Australian veterinary journal*, v. 97, n. 10, p. 382-389, 2019.
3. HUGHES, K. et al. **'Care about my animal, know your stuff and take me seriously': United Kingdom and Australian clients' views on the capabilities most important in their veterinarians.** *Veterinary Record*, v. 183, n. 17, p. 534-534, 2018.

4. LESNAU, Giuliano Gustavo et al. **Formação dos acadêmicos de medicina veterinária no processo de morte e morrer.** *Bioscience Journal*, 2013.

5. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Informações sobre a educação superior no Brasil.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 29 set. 2024.

6. MOIR, F. M.; VAN DEN BRINK, A. R. K. **Current insights in veterinarians' psychological wellbeing.** *New Zealand Veterinary Journal*, v. 68, n. 1, p. 3-12, 2020.

7. NETT, R. J.; WITTE, T. K. et al. **Risk factors for suicide, attitudes toward mental illness, and practice-related stressors among US veterinarians.** *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 247, n. 8, 2015.

8. PERRET, J. L. et al. **Prevalence of mental health outcomes among Canadian veterinarians.** *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 256, n. 3, p. 365-375, 2020.

9. ROSA, K. T. **Depressão na Medicina Veterinária. Informe do Conselho Regional de Medicina Veterinária do estado de Santa Catarina**, n. 43, p. 4-7, jun. 2019. Disponível em: <https://www.crmvsc.gov.br/pdf/informecrmv-43.pdf>. Acesso em: 29 set. 2024.

10. SCHWERDTFEGGER, Kathrin Angelika et al. **Depression, suicidal ideation and suicide risk in German veterinarians compared with the general German population.** *Veterinary Record*, v. 186, n. 15, p. e2-e2, 2020.

11. SIMPLÍCIO, Karina Maria de Medeiros Gomes; BITTENCOURT, Ariane Gurgel Umbelino; LIMA, Paula Regina Barros de. **Síndrome de burnout e suicídio na Medicina Veterinária.** *Rev. CFMV (Online)*, p. 44-50, 2022.

12. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS). **Dados sobre incidência de suicídio entre veterinários no Brasil.** Datasus – portal de dados do SUS. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br>. Acesso em: 29 set. 2024.

13. TOMASI, Suzanne E. et al. **Suicide among veterinarians in the United States from 1979 through 2015.** *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 254, n. 1, p. 104-112, 2019.

14. WITTE, Tracy K. et al. **Suicides and deaths of undetermined intent among veterinary professionals from 2003 through 2014.** *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 255, n. 5, p. 595-608, 2019.

APOIO:

